

O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana - Número Vinte e Dois

Jeff Pippenger

2026-01-02

Número vinte e dois

No artigo anterior, estávamos na metade das quatro referências ao antigo Israel como a geração de “víboras”. Em Mateus, tanto João como Jesus chamam os fariseus e saduceus de geração de víboras. João representa o início de um processo de provação, identificado quando ele ensinou que Jesus, que viria depois dele, limparia completamente a sua eira. Jesus acrescentou ao processo de provação de João, ao incluir o processo de juízo, quando mencionou a rainha de Sabá e Nínive. O juízo ocorre na quarta geração, e uma classe no juízo se manifesta como serpentes, pois seu pai é o diabo. Jesus acrescentou a questão de que a quarta geração buscava um sinal, quando o sinal estava bem à vista.

Em Mateus vinte e três, os "ais" contra os fariseus e saduceus são expostos, e o processo de provação e juízo volta a ser associado à geração final. O capítulo vinte e dois prepara o cenário para os "ais" do capítulo vinte e três.

Estando os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou, dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é ele filho?

Dizem-lhe: O Filho de Davi.

Ele lhes disse: Como, então, Davi, em espírito, o chama Senhor, dizendo: O Senhor disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés? Se, pois, Davi o chama Senhor, como é ele seu filho?

E ninguém pôde responder-lhe uma só palavra; nem, desde aquele dia em diante, alguém ousou fazer-lhe mais perguntas. Mateus 22:41-46.

Quando a porta se fechou a qualquer outra interação, Jesus então apresenta oito “ais” no capítulo seguinte. No versículo treze, o “ai” é por fechar as portas do reino dos céus. É pelas portas do Céu que a chuva serôdia é derramada. Os oito “ais” dizem respeito àqueles que professam abrir a porta que ninguém pode abrir e fechar a porta que ninguém pode fechar. Em visão, foi mostrado à Irmã White que aqueles que não seguiram Cristo ao Lugar Santíssimo enviavam suas orações ao Lugar Santo vazio, onde Satanás, fingindo ser Cristo, os levava a crer que estava tudo bem. Eles haviam reaberto o Lugar Santo e fechado o Lugar Santíssimo.

Muitos olham com horror para o proceder dos judeus ao rejeitarem e crucificarem Cristo; e, ao lerem a história dos vergonhosos maus-tratos que Ele sofreu, pensam que O amam e que não O teriam negado como fez Pedro, nem O teriam crucificado como fizeram os judeus. Mas Deus, que lê os corações de todos, pôs à prova esse amor por Jesus que professavam sentir. Todo o céu observou com o mais profundo interesse a recepção da mensagem do primeiro anjo. Mas

muitos que professavam amar a Jesus, e que derramaram lágrimas ao ler a história da cruz, zombaram das boas-novas de Sua vinda. Em vez de receberem a mensagem com alegria, declararam-na um engano. Odiaram os que amavam a Sua vinda e os excluíram das igrejas. Os que rejeitaram a primeira mensagem não puderam ser beneficiados pela segunda; tampouco foram beneficiados pelo clamor da meia-noite, que deveria prepará-los para entrar com Jesus, pela fé, no lugar santíssimo do santuário celestial. E, ao rejeitarem as duas mensagens anteriores, entenebreceram tanto o entendimento que não veem luz alguma na mensagem do terceiro anjo, que mostra o caminho para o lugar santíssimo. Vi que, assim como os judeus crucificaram Jesus, do mesmo modo as igrejas nominais crucificaram essas mensagens e, portanto, não têm conhecimento do caminho para o santíssimo e não podem ser beneficiadas pela intercessão de Jesus ali. Como os judeus, que ofereciam seus sacrifícios inúteis, oferecem suas orações inúteis ao aposento que Jesus deixou; e Satanás, satisfeito com o engano, assume um caráter religioso e dirige as mentes desses cristãos professos a si mesmo, operando com seu poder, seus sinais e prodígios de mentira, para prendê-los em seu laço. Primeiros Escritos, 258-261.

No versículo catorze há um ai por devorarem as casas das viúvas e por fazerem longas orações. O ai do versículo quinze é por tornarem seus convertidos duas vezes mais filhos do inferno do que eles mesmos eram. Nos versículos dezesseis a vinte e dois, os ímpios juram pelo templo.

Estas não são as palavras da Irmã White, mas as palavras do Senhor, e Seu mensageiro as entregou a mim para que eu as entregasse a vocês. Deus os conclama a não mais trabalhar em oposição a Ele. Muita instrução foi dada a respeito de homens que afirmam ser cristãos, quando estão revelando os atributos de Satanás, contrariando, em espírito, palavra e ação, o avanço da verdade, e certamente seguindo o caminho para o qual Satanás os está conduzindo. Em sua dureza de coração, apoderaram-se de uma autoridade que de modo algum lhes pertence e que não deveriam exercer. Diz o grande Mestre: “Eu derrubarei, derrubarei, derrubarei.” Dizem, em Battle Creek: “O templo do Senhor, o templo do Senhor somos nós”, mas estão usando fogo comum. Seus corações não são enternecidos nem subjugados pela graça de Deus. Manuscript Releases, volume 13, 222.

Nos versículos vinte e três e vinte e quatro, o "ai" é por negligenciar a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Os versículos vinte e cinco e vinte e seis tratam da pretensão de limpar o exterior do copo, mas não o interior.

"Temos este tesouro", continuou o apóstolo, "em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós." Deus poderia ter proclamado a Sua verdade por meio de anjos sem pecado, mas este não é o Seu plano. Ele escolhe seres humanos, homens cercados de fraquezas, como instrumentos na realização de Seus desígnios. O tesouro inestimável é colocado em vasos de barro. Por meio dos homens, Suas bênçãos devem ser transmitidas ao mundo. Por meio deles, Sua glória há de resplandecer nas trevas do pecado. Atos dos Apóstolos, 330.

Então os versículos vinte e sete e vinte e oito identificam os ímpios como sepulcros caídos, relacionando isso com Sebna, do capítulo vinte e dois de Isaías, onde Sebna se vangloriava do maravilhoso túmulo que estava fazendo, mas no qual jamais estaria, pois Deus haveria de lançá-lo

de Sua boca para um campo distante. Esse campo distante é representado pelo túmulo do profeta mentiroso de Betel, que levou o profeta desobediente a ser sepultado no mesmo túmulo. Então o oitavo ai diz:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque construís os túmulos dos profetas e enfeitais os sepulcros dos justos, e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido cúmplices com eles no sangue dos profetas. Portanto, sois testemunhas contra vós mesmos de que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei, pois, a medida de vossos pais.

Serpentes, geração de víboras, como podeis escapar da condenação do inferno?

Portanto, eis que vos envio profetas, sábios e escribas; e a alguns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós venha todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o templo e o altar.

Em verdade vos digo: todas estas coisas hão de vir sobre esta geração. Mateus 23:29-36.

As serpentes, que são a geração de víboras, estão sendo julgadas na passagem. Na passagem, o juízo não se baseia nos testemunhos da rainha de Sabá e de Nínive, mas pelo sangue de Abel até Zacarias. A quarta geração, que é de víboras, é julgada por duas testemunhas da história externa do antigo Israel e por duas testemunhas da história interna do antigo Israel. O capítulo três de Lucas é a última das quatro referências às víboras da quarta e última geração, e é simplesmente um paralelo ao capítulo três de Mateus. Quatro referências identificam que, durante o juízo final da casa de Deus, durante a quarta geração, uma classe manifestará seu caráter como filhos e filhas de Satanás, e a outra classe, como filhos e filhas de Deus. O processo de prova que inicia a separação começa quando o mensageiro que prepara o caminho para o Mensageiro da Aliança levanta a sua voz no deserto.

No tecido sagrado das Escrituras, os nomes não são meras etiquetas, mas profecias sussurradas—segundas canções entoadas sob a superfície da história, revelando o coração da redenção. Quando os significados dos nomes dos descendentes de Adão a Noé são organizados em uma frase, produz-se uma mensagem que corresponde à história representada pela genealogia. Adão significa “homem”, e Sete significa “designado”. Enos significa “mortal” (sujeito à morte), e Quenã significa “dor”. Por meio do “louvor/bênção de Deus” (Mahalalel), o Céu “desceria” (Jarede). O Céu desceu como o “dedicado ou ungido” (Enoque), que proclamou a mensagem do juízo por meio de seu filho Matusalém (“quando ele morrer, será enviado”). Sua morte seria o clímax de um derramamento “poderoso” do Espírito Santo, representado por Lameque (sopro) ao se unir a Matusalém, assim como o Clamor da Meia-Noite se uniu ao segundo anjo. Matusalém era o segundo anjo e Lameque o Clamor da Meia-Noite, que culminou no dilúvio de Noé.

Sintetizando ainda mais, os nomes declaram: "O homem foi constituído mortal, sujeito ao sofrimento e à morte, em consequência do primeiro Adão; mas, pela bênção de Deus, Cristo se dispôs a descer, proclamando o juízo por meio de sua morte na cruz, ao que se seguiu o poderoso derramamento do Espírito Santo."

Estes dez nomes sintetizam a mensagem do evangelho ao mesmo tempo que traçam a história da Terra, desde a criação até a chuva serôdia, culminando na Segunda Vinda. Esse simbolismo, oculto nos nomes, encontra sua contraparte no Apocalipse. Gênesis apresenta a genealogia alfa, e os 144.000 de Apocalipse 7 apresentam o cumprimento ômega no remanescente selado.

Judah significa "louvor", Reuben significa "eis um filho", Gad significa "boa sorte/tropa", Asher significa "feliz/abençoado", e Naphtali significa "luta". Manasseh significa "que faz esquecer", Simeon significa "audição", Levi significa "unido/ligado", Issachar significa "recompensa", Zebulun significa "honra/habitação", Joseph significa "acrécimo", e Benjamin significa "filho da mão direita".

Os que seguem o Leão da tribo de Judá são filhos de Deus, abençoados com boa fortuna ao passarem por um processo de provação, lutando com Deus como fez Jacó. Por meio dessa luta, seus pecados são esquecidos no processo de santificação produzido por ouvir a Palavra de Deus, que por sua vez os vincula a Cristo em uma relação de aliança. Sua recompensa é habitar honrosamente com Cristo em Seu trono, assentados nas regiões celestiais, enquanto Deus os usa para expandir Seu reino, chamando a grande multidão para fora da Babilônia como filhos de Sua destra.

Os seis filhos de Leah eram Rueben, Judah, Simeon, Levi, Issachar e Zebulun. Sua serva Zilpah, cujo nome significa "uma gota perfumada", teve dois filhos — Gad e Asher. Os dois filhos de Rachel eram Joseph e Benjamin. O nome de Bilhah, serva de Rachel, significa "tímida ou acanhada", e seus filhos eram Dan e Naphtali. Profeticamente, a genealogia aqui apresenta várias linhagens a considerar. Ao contrário do alfa e das dez gerações no capítulo cinco de Gênesis, o ômega tem doze descendentes, com suas próprias variáveis proféticas específicas. Entre os cento e quarenta e quatro mil, Dan não é mencionado e Manasseh substituiu seu irmão Ephraim.

A genealogia alfa de Gênesis corresponde à genealogia ômega de Apocalipse, pois Gênesis identifica a obra divina de Cristo na salvação, e Apocalipse identifica aqueles que, no cumprimento ômega daquela profecia alfa, cumprem perfeitamente a própria promessa e a profecia apresentadas na profecia alfa.

A aplicação dessas duas linhas é frequentemente feita pelos teólogos, mas nunca com a perspectiva da metodologia "linha sobre linha". As duas genealogias em Gênesis e Apocalipse constituem duas testemunhas de que Deus fala em um nível secundário. Uma linguagem é o testemunho escrito tal como está registrado, e uma linha secundária dentro desse testemunho é apresentada em nível simbólico. Os teólogos normalmente não vão além das observações superficiais sobre a mensagem transmitida por meio dos significados dos nomes em Gênesis e Apocalipse. Eles tratam o que veem como uma novidade que fala mais sobre sua própria sabedoria humana, como fica evidenciado por sua santimoniosa capacidade de ver a metáfora nos significados dos nomes. Eles nunca veem a mensagem apresentada nos doze filhos de Ismael. Eles não veem corretamente as genealogias de Jesus em Mateus e Lucas. Eles não veem as genealogias dos últimos sete reis de Judá e dos últimos sete reis de Israel, dos primeiros sete reis de Judá ou dos primeiros sete reis de Israel.

Quando digo que eles não veem, quero dizer que, se você perguntar ao Google se há ensinamentos sobre essas genealogias, a resposta é “sim” para a genealogia de Adão a Noé em Gênesis, e “sim” para os cento e quarenta e quatro mil. Mas aplicam os dez descendentes de Abrão em Gênesis onze dessa maneira? Não. Aplicam a genealogia de Caim e a genealogia de Sete? Sim, mas tão distantes do significado real que é como se estivessem tratando de outro assunto. Sem dúvida, abordam as genealogias de Cristo em Mateus e Lucas, mas, mais uma vez, ficam muito longe do alvo. Por que isso importa, você pergunta? Porque pretendo apresentar uma visão geral dessas linhas genealógicas proféticas, e quero deixar claro desde o início que estou tentando identificar o significado da quarta geração como um símbolo da profecia bíblica. A visão geral dessas genealogias ajudará nesse sentido, mas seria negligência de qualquer um pensar que o simples resumo dessas coisas que se seguirão é tudo o que há para entender sobre essas linhas genealógicas.

Após a genealogia de Adão até Noé, encontramos duas linhas de genealogias nos capítulos quatro e cinco de Gênesis. Essas duas linhas são representadas pelos descendentes de Caim e pelos descendentes de Sete. Ao contrário da genealogia de Adão a Noé, que enumerava dez descendentes, as linhas de Sete e de Caim enumeram oito descendentes cada. Por essa razão, devem ser tratadas como dois períodos de quatro. Sete e Caim são símbolos de aliança, e Caim representa aqueles que, em Isaías vinte e oito e vinte e nove, fazem uma aliança de morte, que será anulada no açoitamento transbordante. São aqueles que constroem suas casas sobre a areia. Os que constroem sobre a Rocha fazem uma aliança de vida, como representado em Primeira Pedro, capítulo dois, como aqueles que provaram que o Senhor é bom e são a "geração eleita". Os "muitos" constroem sobre a areia, mas "poucos" são escolhidos.

A genealogia de Caim é uma nota dissonante na sinfonia dos nomes, pois os nomes representam uma glória humana que é vã, levando a um vaguear sem rumo, depois de ser ferida pelos céus. Ignorando o aviso, a linhagem de Caim professa uma falsa divindade, envolta em um poder humano vingativo, representada pelas artes da humanidade, que forja uma cultura de ferro; bela, mas violenta e desprovida de esperança. Essa última afirmação é uma visão geral da mensagem nas oito gerações de Caim, derivada dos nomes.

A linhagem de Sete responde com graça à linhagem de Caim. Na fragilidade humana que foi designada ao gênero humano, os que invocam a Deus terão sua tristeza transformada em louvor, à medida que o céu desce. Caminhando fielmente pelo caminho que conduz à glória, durante um tempo de provação, até que o clamor de "esperança" traga descanso, por meio de águas de livramento. Essa última afirmação é uma visão geral da mensagem nas oito gerações de Sete, derivada dos nomes.

A razão para dividir as oito gerações em dois conjuntos de quatro gerações é estabelecida na primeira etapa da aliança, quando a profecia do cativo no Egito é identificada como sendo de 400 anos e também de que os 400 anos terminariam na quarta geração. Quando o testemunho de Paulo é incorporado à profecia da aliança alfa, isso produz dois períodos de 215 anos, cada um composto por quatro gerações. As oito gerações, nos 430 anos, representam dois períodos de 215 anos. O primeiro período é representado pelo bom faraó que conhecia José. 215 anos depois, houve

um novo faraó que não conhecia José. Então começou o próximo conjunto de quatro gerações.

Oito gerações, divididas igualmente em dois períodos, cada um distintamente marcado como seu próprio período de quatro gerações, sustentam a aplicação das oito gerações de Caim e de Sete da mesma forma. Quando essa aplicação é feita, tem-se as oito gerações de Sete alinhadas com as oito gerações de Caim. Caim representa os muitos que recebem a marca da besta, e Sete representa os poucos que recebem o selo de Deus. Caim é o sinal da humanidade, e Sete é o sinal da humanidade combinada com a Divindade no contexto da aliança de Noé, ao passo que a linhagem de José e Moisés está no contexto da aliança de Abrão.

Então, no capítulo onze, a genealogia do povo escolhido é representada por dez nomes, de Sem a Abrão. O capítulo onze é a história da torre de Babel, mas também a genealogia do povo escolhido, conforme representada por Abraão. O capítulo onze introduz um povo escolhido que haveria de entrar numa aliança tríplice com Deus. O terceiro e último passo foi o sacrifício de Isaque no capítulo vinte e dois. O capítulo "onze" é o princípio alfa e o capítulo "vinte e dois" é o fim ômega. A fé necessária para ouvir a voz de Deus no significado dos nomes não é diferente da fé necessária para ouvir a Sua voz na numeração da Sua Palavra. Uma aplicação de uma genealogia que não é abordada pelos teólogos é a genealogia de Ismael, o símbolo do Islã.

E estes são os nomes dos filhos de Ismael, pelos seus nomes, segundo as suas gerações: o primogênito de Ismael, Nebaiote; e Quedar, e Adbeel, e Mibsão; e Misma, e Dumá, e Massá; Hadar, e Temá, Jetur, Nafis e Quedemá: Estes são os filhos de Ismael, e estes são os seus nomes, segundo as suas cidades e os seus castelos; doze príncipes segundo as suas nações. Gênesis 25:13-16.

Quando as definições desses doze nomes são reunidas em uma afirmação, lê-se o seguinte: "Profeticamente, os descendentes de Ismael são um povo frutífero de pele escura, renomado por seu valor guerreiro, mas são afligidos histórica e profeticamente em 11 de agosto de 1840 e, depois, em 11 de setembro de 2001. São chamados de filhos do oriente na história bíblica. Originaram-se na Arábia, onde se cultivam as especiarias aromáticas empregadas nos serviços do santuário hebraico. A palavra "assassinos" tem origem na história islâmica e representa a morte que é provocada em silêncio. Na época das Cruzadas, o Islã envolveu, cercou e sitiou a Europa católica, mas sua subsequente contenção marcou a chegada do refrigério de 1840 a 1844, e também de 11 de setembro até a crise da lei dominical." As definições dos doze nomes dos filhos de Ismael estão todas representadas na afirmação anterior pelos trechos em negrito.

Os doze nomes da linhagem de Ismael perfazem treze, se você incluir Ismael na lista. Treze é o número simbólico de "rebelião", que foi o que Agar fez e que levou Abraão a permitir que Agar e Ismael fossem expulsos. Paulo usa esse incidente para descrever a expulsão do antigo Israel como povo da aliança de Deus, ao mesmo tempo em que Ele estava estabelecendo uma aliança com Sua noiva cristã.

Pois está escrito que Abraão teve dois filhos: um da escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; mas o da livre, mediante promessa. Estas coisas são alegóricas, pois representam duas alianças: uma, do monte Sinai, que gera para a escravidão; esta é Agar. Pois

Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém que agora existe, e está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém de cima é livre, a qual é mãe de todos nós. Porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz; irrompe em júbilo e exclama, tu que não estás de parto, porque a desolada tem muitos mais filhos do que a que tem marido. Ora, nós, irmãos, como Isaque, somos filhos da promessa. Mas, como então o que nasceu segundo a carne perseguia o que nasceu segundo o Espírito, assim também agora. Contudo, que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque o filho da escrava não herdará com o filho da livre. Assim, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre. Gálatas 4:22-31.

Ismael é um símbolo do Islã, e Agar, a mãe de Ismael, é o símbolo da igreja da aliança da morte. Isaque é um símbolo do Cristianismo, e Sara é o símbolo da igreja da aliança da vida. Por essa razão, Ismael teve doze filhos, pois doze é um símbolo do povo da aliança de Deus, e o Islã é uma falsificação do povo da aliança de Deus.

Há duas genealogias de Cristo nos Evangelhos. Uma em Mateus e outra em Lucas.

E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo. Assim, todas as gerações desde Abraão até Davi são catorze gerações; e desde Davi até o cativo da Babilônia são catorze gerações; e desde o cativo da Babilônia até Cristo são catorze gerações. Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando sua mãe Maria desposada com José, antes de se unirem, foi achada grávida do Espírito Santo. Mateus 1:16-18.

A genealogia de Mateus identifica três períodos iguais de quatorze que compõem um período de quarenta e dois. Cristo é o ômega da história da aliança em relação a Moisés, que é o alfa da história da aliança. Moisés profetiza que Cristo seria “semelhante a si mesmo”. Moisés teve três períodos de quarenta anos em sua vida de cento e vinte anos. Cada período de quarenta anos da vida de Moisés, quando disposto linha sobre linha, conclui em Cades, um símbolo de 1863 e da lei dominical. Os três períodos de Cristo terminam em Davi, no cativo na Babilônia e em Cristo confirmando a aliança com Seu sangue na cruz. Davi representa a exaltação da igreja triunfante na lei dominical, e a segunda linha identifica as virgens néscias sendo levadas para a Babilônia, na lei dominical. O terceiro período termina na cruz, que, mais uma vez, tipifica a lei dominical, onde Cristo confirma a aliança de Abraão com os cento e quarenta e quatro mil e a aliança de Noé com a grande multidão.

O que se pode compreender quando essas duas linhas são sobrepostas é impressionante. Os cento e vinte anos de Moisés se conectam com os 120 anos de Noé, e as quarenta e duas gerações de Cristo se conectam com o anticristo reinando por quarenta e dois meses simbólicos na lei dominical.

E disse o Senhor: O meu Espírito não contendrá para sempre com o homem, pois ele também é carne; todavia, os seus dias serão de cento e vinte anos. Gênesis 6:3.

Juntamente com a genealogia de Mateus, que enfatiza a aliança de Abraão, a genealogia de Cristo, conforme apresentada por Lucas, vai até a criação, enfatizando assim a aliança da vida que Adão quebrou no Éden. A genealogia de Lucas começa com Jesus e retrocede por sua linhagem até Adão, identificado como filho de Deus. A linhagem termina com o perfeito segundo Adão e começa com o perfeito primeiro Adão. Do primeiro Adão ao segundo Adão contam-se 77

gerações.

As genealogias das Escrituras representam linhas de verdade. Acabamos de identificar várias que excedem em muito as testemunhas necessárias para estabelecer uma verdade. As linhas genealógicas contêm a voz de cumprimentos históricos e de previsões futuras, e contêm a voz de Palmoni, o Maravilhoso Numerador de segredos, pois os enigmas numéricos que foram colocados nessas linhas fornecem uma segunda voz. Essas duas vozes são ouvidas juntamente com uma terceira voz, a voz do Maravilhoso Linguista, que criou e controla todas as coisas, incluindo os nomes de pessoas, lugares e coisas.

Quando João se voltou para ver a voz atrás dele, era como a voz de muitas águas, e quando Daniel teve a mesma visão, sua voz era a voz de uma multidão. A mensagem superficial das Escrituras, assim como os nomes encontrados junto à mensagem, e também a numeração dentro da mensagem, são três vezes em uma passagem. Quando você pega uma linha com as três vozes e a sobrepõe a uma linha paralela, três vezes tornam-se muitas vozes.

E uma voz saiu do trono, dizendo: Louvai o nosso Deus, todos vós, seus servos, e vós que o temeis, tanto pequenos como grandes. E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como a voz de muitas águas, e como a voz de poderosos trovões, dizendo: Aleluia, pois o Senhor Deus onipotente reina. Apocalipse 19:5, 6.

Algumas das genealogias mais significativas encontram-se entre os reis de Israel. Os primeiros sete reis de Israel, o reino do norte, terminam com Acabe, Jezabel e Elias, representando assim a lei dominical. A linha dos últimos sete reis das tribos do norte começa na lei dominical e termina no fechamento da porta da graça para a humanidade, quando Miguel se levanta em Daniel 12. Os primeiros sete reis de Judá ilustram a história desde a lei dominical até Miguel se levantar, e os últimos sete reis identificam a história que leva à lei dominical. Duas linhas genealógicas, ambas possuindo uma história alfa e uma história ômega. A história alfa é o período de 11 de setembro até a lei dominical, e o período ômega é da lei dominical até o fechamento da porta da graça. Os primeiros sete reis de Israel alinham-se com os últimos sete reis de Judá; e os últimos sete reis de Israel alinham-se com os primeiros sete reis de Judá.

Continuaremos no próximo artigo.

Permaneça firme até o fim

[Apocalipse 1:1, 2, citado.] Toda a Bíblia é uma revelação; pois toda revelação aos homens vem por meio de Cristo, e tudo se concentra nele. Deus nos falou por meio de Seu Filho, a quem pertencemos pela criação e pela redenção. Cristo veio a João, exilado na Ilha de Patmos, para lhe dar a verdade para estes últimos dias, para lhe mostrar o que em breve deve acontecer. Jesus Cristo é o grande depositário da revelação divina. É por meio dele que temos conhecimento do que devemos esperar nas cenas finais da história desta terra. Deus deu esta revelação a Cristo, e Cristo a comunicou a João.

João, o discípulo amado, foi o escolhido para receber esta revelação. Ele foi o último sobrevivente dos primeiros discípulos escolhidos. Na dispensação do Novo Testamento, foi

honrado como o profeta Daniel o foi na dispensação do Antigo Testamento.

A instrução que devia ser comunicada a João era tão importante que Cristo veio do céu para entregá-la ao Seu servo, dizendo-lhe que a enviasse às igrejas. Essa instrução deve ser objeto de nosso estudo cuidadoso e orante; pois vivemos em um tempo em que homens que não estão sob a orientação do Espírito Santo introduzirão falsas teorias. Esses homens têm estado em posições elevadas e têm projetos ambiciosos a realizar. Procuram exaltar-se e revolucionar toda a ordem das coisas. Deus nos deu instrução especial para nos guardar de tais pessoas. Ele ordenou a João que escrevesse em um livro aquilo que deveria ocorrer nas cenas finais da história desta terra.

Depois da passagem do tempo, Deus confiou aos Seus fiéis seguidores os preciosos princípios da verdade presente. Esses princípios não foram dados àqueles que não haviam tido parte na proclamação das mensagens do primeiro e do segundo anjo. Foram dados aos obreiros que haviam tido parte na causa desde o princípio.

Aqueles que passaram por essas experiências devem ser firmes como uma rocha nos princípios que nos fizeram Adventistas do Sétimo Dia. Devem ser cooperadores com Deus, atando o testemunho e selando a lei entre Seus discípulos. Os que participaram do estabelecimento de nossa obra sobre um fundamento de verdade bíblica, os que conhecem os marcos que apontaram o caminho certo, devem ser considerados obreiros de altíssimo valor. Eles podem falar por experiência pessoal acerca das verdades que lhes foram confiadas. Esses homens não devem permitir que sua fé se transforme em incredulidade; não devem permitir que o estandarte do terceiro anjo lhes seja tirado das mãos. Devem reter firmemente o princípio da sua confiança até o fim.

O Senhor declarou que a história do passado será recontada ao entrarmos na obra final. Toda verdade que Ele concedeu para estes últimos dias deve ser proclamada ao mundo. Todo pilar que Ele estabeleceu deve ser fortalecido. Não podemos, agora, afastar-nos do alicerce que Deus estabeleceu. Não podemos, agora, entrar em qualquer nova organização; pois isso significaria apostasia da verdade.

O trabalho médico-missionário precisa ser purificado e limpo de tudo o que enfraqueceria a fé dos crentes na experiência passada do povo de Deus. O Éden, belo Éden, foi degradado pela introdução do pecado. Agora é necessário lembrar a experiência dos homens que desempenharam um papel no estabelecimento de nossa obra no princípio.

De tempos em tempos lemos as notícias de falecimento dos grandes homens do mundo. Sua hora chegou de repente, num instante. Muitos, tidos como em boa saúde, morrem após um banquete ou depois de traçarem planos egoístas para a própria exaltação. Sai a sentença: “Ele está ligado aos seus ídolos; deixai-o.” Isso significa que o Senhor já não o guarda do mal. Vem a morte súbita, e de que vale a obra de sua vida? Sua vida foi um fracasso. A árvore cai porque o poder que a sustentava a deixa entregue ao seu sacrifício idólatra.

Homens e mulheres estão absortos na busca de algo para desfrutar. Vendem suas almas por nada, e Deus retira Sua longanimidade. São deixados à sua própria escolha.

Há aqueles que, embora professem crer na verdade presente, degradaram sua fé e se recusaram a andar na luz. Quem agora deixará de lado seus princípios egoístas e mundanos? Quem agora se esforçará para reconhecer o valor da alma? Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma? Você tem fome e sede do pão da vida e da água da salvação? Você percebe o valor das almas pelas quais Cristo morreu? Aqueles que supostamente são cristãos estão vivendo de acordo com sua profissão de fé? Estão conscientes do valor da alma? Estão se esforçando para purificar suas almas pela obediência à verdade? Manuscritos Liberados, volume 20, 150, 151.